

FREITAS, Joseania Miranda de. *Uma coleção biográfica: os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA*. Salvador: EDUFBA, 2015. 375 p.

## **COM SENTIDO E COM SENTIMENTO — UMA FORMA DE ATAR LAÇOS E CONHECIMENTOS NA AÇÃO MUSEOLÓGICA.**

Nila Rodrigues Barbosa<sup>1</sup>

Selecionar, pesquisar, interpretar, organizar, armazenar, disseminar e comunicar. Todas estas são funções inerentes aos museus, sejam quais forem os seus perfis, ideológicos, políticos e técnicos. Possivelmente, nenhum museu, na atualidade, escapa do olhar crítico da pesquisa acadêmica (CUNHA, 2006), nem mesmo os museus universitários ou que são geridos por instituições acadêmicas. O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia – MAFRO, não seria exceção. Imaginado desde a criação do Centro de Estudos Afro-orientais – CEAO, em 1959, (REIS, 2010) acabaria por ser efetivamente iniciado em 1974 e, finalmente, inaugurado em 1982. Ele teria sido pensado, dentre outros motivos, também para corroborar pesquisas acadêmicas e trazer à visibilidade a memória do protagonismo negro no cenário social, histórico, antropológico e político do Brasil (MATOS, 2012).

Entretanto, este diálogo também se daria com o curso de Museologia da UFBA do qual é oriunda a organizadora da publicação aqui em foco, Joseania Freitas, os bolsistas e alguns daqueles que escrevem na obra. É exatamente neste diálogo – entre museologia e museu – que podemos colocar os holofotes da obra organizada pela professora Joseania. Trata-se um encontro onde aparece “o Museu como fenômeno histórico e a Museologia como fenômeno epistemológico” (BRUNO, 2006, p. 10) que faz emergir e cruzar estudos de cultura material e acervos no intuito de “ressignificação museológica dos bens culturais” (BRUNO, 2006, p. 11).

---

<sup>1</sup>Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia. Historiadora, pela Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisadora do patrimônio Cultural.

O livro/catálogo organizado pela Professora Joseania Miranda de Freitas é o resultado de pesquisa acadêmica iniciada em 2003, interrompida e novamente retomada, no período entre 2011-2013 que possuía como objetivo a elaboração de um livro catálogo sobre a coleção Capoeira do MAFRO.

Do ponto de vista de um museu, o Catálogo configura-se como instrumento de pesquisa que visa descrever determinada coleção ou acervo a partir daquilo que ela é formada. A Coleção Capoeira do MAFRO, remete a um bem imaterial e também reúne, entre outros, artefatos doados ou cedidos por familiares de três mestres de capoeira baianos: Mestre Pastinha, Mestre Bimba, Mestre Cobrinha Verde. Para além de sua graduação, mestres, estas pessoas podem ser consideradas progenitoras da Capoeira baiana, tal como a conhecemos hoje, tanto Angola como Regional, presentes no Brasil e no mundo como sinal de algo emblematicamente e tipicamente brasileiro.

A Coleção Capoeira possui 104 itens distribuídos entre oito categorias documentais, quais sejam: fotografias, instrumentos musicais, fotomontagem, indumentária, utensílios, artefatos artísticos, insígnias. Destes 70 itens são referências documentais, materiais dos três mestres acima mencionados.

Existem dois pontos importantes que denotam o grande diferencial deste livro-catálogo: o primeiro está na sua forma coadunada ao contexto onde foi elaborado, ou seja, dentro do que se pode chamar de museu do protagonismo afro-descendente, e da proteção ao patrimônio cultural imaterial no Brasil, no qual a Capoeira é um dos mais recentemente registrados. O segundo ponto importante está no sentido para o qual esta obra aponta em termos de patrimônio, etnicidade e museu: o Museu é afro-brasileiro, a Capoeira é de matriz africana e o patrimônio é tanto imaterial como material, porque também é museológico.

Inicialmente seria importante nos ater aos mestres cujo acervo é objeto do livro-catálogo organizado pela professora Joseania. Os três mestres são ícones da Capoeira por terem vivido a época subsequente a descriminalização da mesma e a sua conseqüente legalização no século XX. Consta que Mestre Pastinha nasceu ao final do período imperial no Brasil e no mesmo ano da Proclamação da República, na cidade de Salvador/BA. Foi acirrado defensor da

cidadania para os negros posto que a Lei Áurea não tivesse garantido esta aos ex-escravizados e seus descendentes. Dizia que aprendeu capoeira nas ruas, mas fundou uma escola de Capoeira na qual muitos discípulos se tornaram mestres e a tem como referência para formação de seus próprios aprendizes. A capoeira de Mestre Pastinha era a Capoeira Angola. Mestre Bimba nasceu no mesmo ano de Mestre Pastinha e também em Salvador. Foi um militante pela profissionalização da Capoeira e seu reconhecimento como esporte brasileiro. Ele foi o criador da Capoeira Regional, na Bahia uma diferenciação muito clara e respeitosa, porém não divergente nem tampouco insurgente da Capoeira de Mestre Pastinha. Por sua vez, Mestre Cobrinha Verde, tinha fama de mandingueiro e arrogava a si ser primo do grande capoeirista Besouro Mangangá, de quem teria aprendido capoeira e a arte de se livrar dos perigos ensejados por inimigos. Cobrinha Verde tinha atuação tanto em Salvador como em todo o Recôncavo Baiano onde nasceu em 1917, na cidade de Santo Amaro da Purificação.

A importância sócio-cultural dos mestres com cujos acervos a coleção do MAFRO foi formada demarca o caráter biográfico da coleção. Ela é representação, através de objetos, fotografias, indumentárias e documentos de lideranças cravadas nas rodas e nas vivências de capoeiristas que têm nestes mestres, os seus guias éticos e morais.

Os objetos quando são criados não possuem, em si, capacidade de reverenciar, para o futuro, depois de seu uso cotidiano. É o colecionador quem demarca, em determinado conjunto, as referências que lhe quer dar. Em tese, o simples ato das famílias dos mestres em reunir o conjunto de objetos e doá-las a um lugar de memórias de protagonismo negro já impinge aos artefatos reunidos legitimação de representar tal protagonismo. Os objetos guardados por Mestres Pastinha, por exemplo, parecem ter sido acumulados com certa intencionalidade de referência de sua atuação com a Capoeira Angola, no sentido de demarcar esta como arte herdada dos africanos e usada como resistência e afirmação de cidadania de negros. Ao Museu como recebedor da coleção e doador de significações e aquele que impinge significações sociais a mesma, cabe sua parte técnica e teórica de confirmar referências e abrir para fora os sentidos da representação contida naqueles objetos que compõem a coleção.

Parafrazeando Cunha, em seu artigo no livro-catálogo (p. 141-143), em se tratando da memória da Capoeira na Bahia é importante ainda ressaltar as nuances das rodas pelas quais esta coleção passou. Logo que foi doada ao MAFRO, foi colocada em exposição. Uma reestruturação do Museu projetou nova forma de expô-la junto a outras referências culturais negras de matriz africana. Tal projeto naufragou quando o MAFRO perdeu espaços físicos em parte dos quais a referida sala seria instalada. Foi para voltar a expor novamente a coleção que o projeto de pesquisa que gerou o livro-catálogo organizado pela professora Joseania foi criado. Objetivou-se fornecer ao público informações muito mais ampliadas e aprofundadas sobre os objetos, os mestres representados e a própria coleção em si.

Compõe o livro-catálogo além dos textos introdutórios outras partes que visam apresentar de forma multifacetada os variados panoramas que se podem abrir sobre a historicidade da capoeira na Bahia. Assim sendo, na primeira parte, por exemplo, textos biográficos dos mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde são complementados pelos depoimentos de mestres de capoeira sendo alguns deles parentes daqueles representados na Coleção. A história da Capoeira, que ocupa a parte II do livro, é seguida por textos relativos às ações museológicas inerentes a formação da Coleção Capoeira no MAFRO. A parte IV – Capoeira como Patrimônio, inaugura uma série de textos referentes tanto a patrimonialização quanto a musealização da capoeira: Poesias, Canto e Samba, Música na Capoeira que vão até a parte VII – Capoeira e educação. Esta parte do livro talvez seja a mais densa em termos teóricos, tanto academicamente quanto produção de conhecimento, que se dá na própria roda de capoeira. A parte VIII, Filosofia da Capoeira, traz o arcabouço de conhecimento produzido e protegido pela Capoeira, para sua preservação na longa duração da continuação da Diáspora Africana. Não deixa de ser interessante que na distribuição dos textos dentro do livro-catálogo a parte de Indumentária na Capoeira tenha ficado como fechamento do livro e fale especificamente da Capoeira Angola e do Mestre Pastinha. Aquela considerada princípio, base e origem da capoeira baiana.

A leitura de *Uma Coleção Biográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA* permitem, ainda que possamos pensar na grande empreitada de criar discípulos, mantê-los e reproduzi-los na roda com a ginga de corpo e

guardar referências materiais de um ofício de matriz africana como uma bússola que deu sentido de continuidade no tempo e na memória. Para isto, arte/ofício/memória, após o movimento da ginga, o giro da capoeira, em seu próprio eixo, continua como revelação da raiz e da continuidade diaspórica africana presente no coletivo. Refazer academicamente este movimento, alçando ao mesmo nível o conhecimento tradicional e o conhecimento acadêmico, acaba por se revelar um exercício rico de cumplicidades reveladoras de acervo, de mestres e da importância ainda a desfolhar da Capoeira como bem material e acervo museológico para além de patrimônio imaterial.

---

**REFERÊNCIAS**

ANJOS, Eliane D. *Glossário Terminológico Ilustrado de Movimentos e Golpes da Capoeira: um estudo término-lingüístico*. Dissertação (Mestrado em Letras - Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

BRUNO, M. Museologia e museus: os inevitáveis caminhos entrelaçados. *Cadernos de Sociomuseologia*, América do Norte, 25, Jun. 2009.

Disponível:<http://revistas.ulusoфона.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/419/324>> Acesso em: 29 May. 2016.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. *Teatro de Memórias, palco de esquecimentos: culturas Africanas e das diásporas negras em exposições*. Doutorado em História Social. PUC, São Paulo, 2006.

MATTOS, Thiara Cerqueira. *Correspondências pessoais ajudam a criar instituições: Pierre Verger, o Museu Afro-Brasileiro e sua rede de colaboradores (1972-1976)*. (Dissertação de Mestrado) Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2012.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si ou... *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 35-42, 1998.

REIS, Luiza Nascimento. *O Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia: Intercâmbio acadêmico e cultural entre Brasil e África (1959-1964)*. Salvador: UFBA, 2010. (Dissertação de Mestrado) Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2010.